

O DESEMPREGO NO CENSO:

a febre e o
termômetro

MARCELO NERI

Chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV
mcneri@fgv.br

Como a febre, o desemprego é um sintoma derivado de uma deficiência e reflete a incapacidade da sociedade de ocupar produtivamente a sua força de trabalho. O Aurélio oferece, além da definição médica da palavra febre, um sentido figurativo, próximo à idéia de desemprego: “desejo ardente; ânsia de possuir, de alcançar alguma coisa”. O desemprego capta justamente a magnitude de alguns anseios trabalhistas não alcançados, através da aferição do número de pessoas que estão em busca ativa de ocupação. Em economês, desemprego mensura a oferta de trabalho insatisfeita aos salários vigentes no mercado.

Na cobertura da mídia sobre os novos dados do Censo, encontramos uma taxa de desemprego surpreendentemente alta: 15,04% contra a taxa de 7,18% da PME do IBGE, ambas em julho de 2000. Antes de entrarmos num estado febril de exaltação, em função dos 11,5 milhões de desempregados recém-revelados, vale a pena notar que encontraríamos um contingente de desempregados também mais alto para as décadas anteriores, se usássemos metodologias comparáveis. Agora, em que medida o alto desemprego censitário se deve à incorporação de um novo contingente de desempregados às estatísticas, ou à adoção de uma nova escala de mensuração?

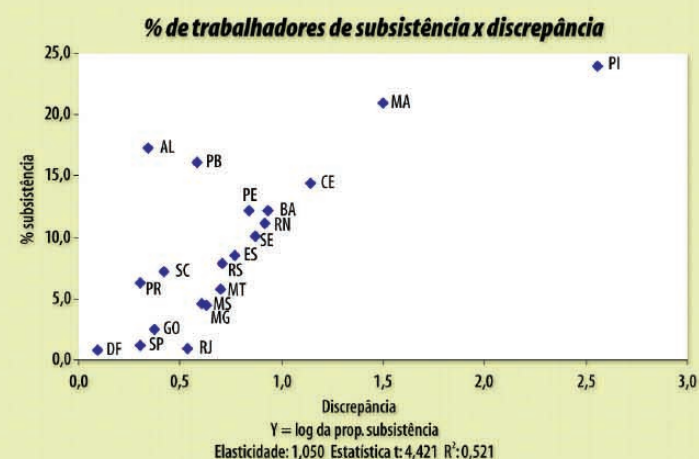
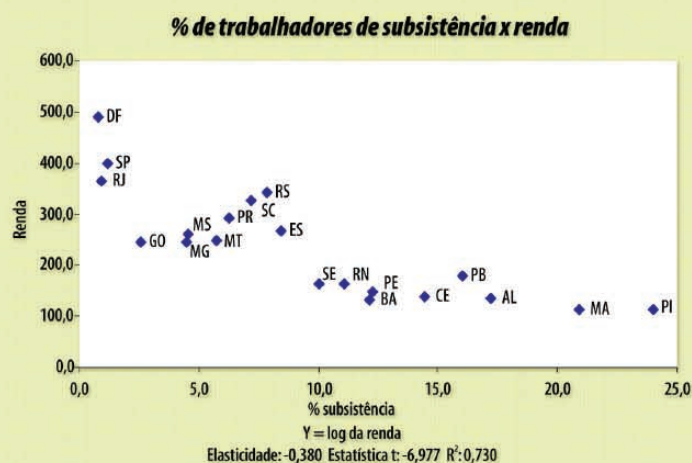
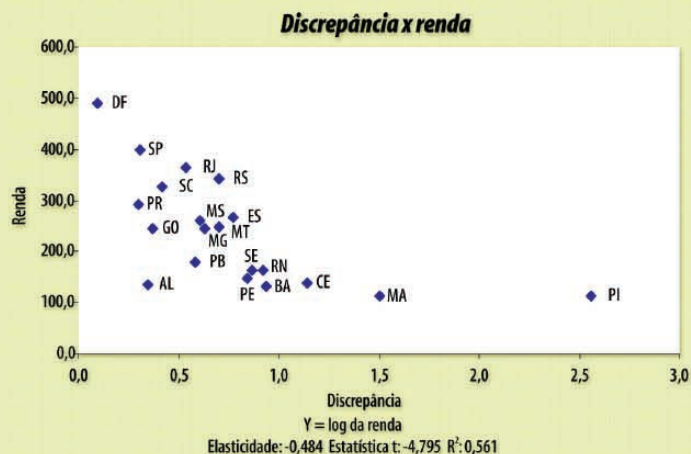
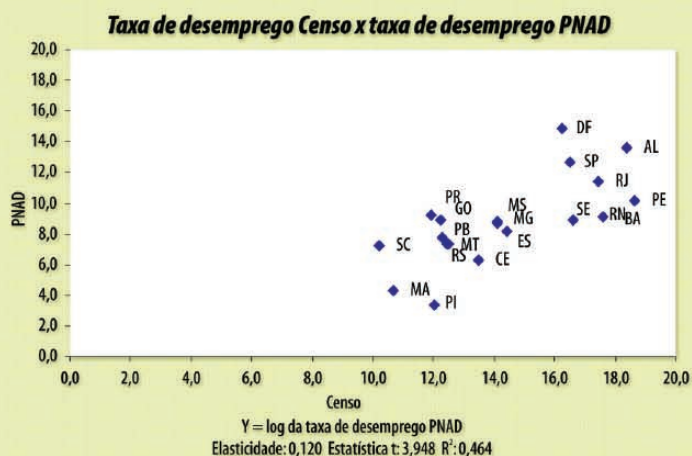
Será que mudou o termômetro?

Preliminarmente, o período de referência na taxa oficial da PME é semanal e o do Censo, mensal. A taxa mensal que pode ser calculada pela PME foi apenas 9,4% maior do que a semanal. Esta baixa discrepância mensal (7,85%) *versus* semanal (7,18%) ocorre porque os desempregados buscam trabalho de maneira contínua dentro do mês.

**O alto
desemprego
censitário
deve-se à
incorporação
de um
contingente
febril à
estatística ou
pela nova
escala do
termômetro?**

Cabe ainda perguntar se o dado do Censo embutiria um expressivo componente sazonal de desemprego. Neste caso, tal como nas variações sistemáticas da temperatura corporal de acordo com a hora do dia, não deveríamos nos preocupar. O ajuste sazonal da PME demonstra que julho é o mês mais neutro do ano. A taxa de desemprego sobe no primeiro semestre e cai no segundo, mas a data de referência do Censo é a mais próxima da média anual, o que evidencia uma feliz escolha metodológica, aliás uma regularidade empírica em se tratando do IBGE.

O primeiro forte candidato para explicar a discrepância Censo-PME estaria na diferença das respectivas coberturas geográficas. Utilizamos aqui os dados da PNAD-IBGE de 1999 como elo de comparação entre as pesquisas. A taxa de desemprego da PNAD nas áreas metropolitanas da PME era 44% superior à nacional. Mantidas as proporções entre áreas, a taxa de desemprego do Censo para as mesmas metrópoles seria de



21,75%, o que elevaria a discrepância Censo-PME de 200% para 300%! O problema parece estar no termômetro!

Utilizamos o padrão entre as diversas Unidades da Federação* da discrepância de taxas entre Censo e PNAD, como forma de aferir o funcionamento do novo termômetro. Observamos que a magnitude da discrepância decresce com a renda (elasticidade de -0,48). Em particular, os estados nordestinos apresentaram o maior incremento relativo da taxa de desemprego do país (96,5% contra 56,2% nacional). Este resultado é consistente com a idéia de que o Censo incorporou ao desemprego a baixa qualidade da ocupação característica das regiões mais pobres.

Seguindo esta pista, a solução do mistério do alto desemprego censitário pode, em parte, residir no fato do desemprego do Censo, contrariamente ao da PNAD, considerar o contingente envolvido em produção de subsistência (agricultura, construção e trabalhadores domiciliares não-remunerados). A elasticidade-discrepância da proporção do contingente de subsistência na população ocupada entre as Unidades da Federação* é de 1,04.

A comparação das taxas das diversas pesquisas analisadas não se traduz numa transformação linear previsível, como por exemplo quando passamos a temperatura de graus Celsius

para Fahrenheit. Agora, dificuldades metodológicas — onde a extensão do questionário ou da pergunta pode impactar a resposta e pelo fato de a medida de desemprego não incorporar fatores relevantes**, como a existência de seguro-desemprego —, tornam o desemprego um mau indicador de bem-estar. A taxa de desemprego, portanto, é particularmente útil para analisarmos o desenrolar do ciclo econômico desde a perspectiva trabalhista. Se o objetivo é fazer inferências sobre o nível de bem-estar, é melhor trabalhar com o conceito mais simples e direto de renda familiar *per capita*.

O estágio atual da análise do desemprego no Brasil é mais primitivo que o da medicina no final do século passado. Naquela época os médicos já sabiam mensurar a temperatura corporal, assim como que provocar hemorragia para baixar a febre fazia mais mal do que bem. Mesmo antes do mistério do Censo, a comunidade econômica brasileira ainda não dispunha de um consenso sobre a magnitude da febre de desemprego e muito menos de como combater as suas causas fundamentais. ▣

*A exceção daquelas da região Norte, onde as coberturas do Censo e da PNAD diferem.

**Nos países de inverno rigoroso denomina-se *windchill factors*, os elementos que afetam a temperatura sentida, mas não-aferida, como o vento e a umidade.